



NÚMERO ÚNICO

DISTRIBUIÇÃO
GRATUÍTA

JORNAL DA

CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(Instituição regionalista dos concelhos de: Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande)
COMEMORATIVO DO SEU X.º ANIVERSÁRIO

MAIO DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SETE

Composição e Impressão
Officinas Gráficas "A PLANETA"
R. do Sol, 58 (a Sta. Catarina) — LISBOA
TELEFONE 2 9707

Edição e Propriedade
Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Redacção e Administração
CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Largo do Intendente, 45, 1.º — LISBOA
TELEFONE 4 2802

FIGUEIRÓ DOUTROS TEMPOS

Pelo Professor ARMANDO DE LUCENA

Para um viajante de seis, ou sete anos, como eu era, ao entrar pela primeira vez em Figueiró, o cenário duma terra pitoresca, ainda que ela fosse um recanto do Eden, pouco, ou nenhum valor, para ele, podia ter. O sentimento estético é um dom que acorda tarde na evolução mental do homem e, assim, naquela idade, todos os atractivos materiais do pequeno burgo que então conheci passaram ante os meus olhos como um panorama indiferente, longínquo. Contudo, a minha sensibilidade não ficou alheia às duas áleas de rosas rubras, alinhadas ao longo da estrada como as velhas esfinges de granito à beira dos dromos nas planuras do Vale do Nilo.

O acesso a Figueiró dos Vinhos era, naquele tempo, vagaroso e incomodativo dentro da velha diligência de Paivalvo, puxada a três mulas enfêzadas e sonolentas que o chicote do Pacheco — o pachorrento e rotundo cocheiro daquela traquitana de 1900 — de quando em quando despertava.

A carrinhola era, como todas as desses tempos, feia e desengraçada, munida de cortinas de oleado para abrigo dos passageiros em dias de temporal. Ao partir, o antigo carroção, a trasbordar de viajantes e com uma verdadeira montanha de bagagens no tejadilho, lembrava as lindas telas de Alfredo Keil em que uma carripana semelhante percorria a estrada de ligação entre os Vales e a Certã envolvida por nuvens de poeira, com alegria de quem a esperava, e a saudade dos que a viam partir.

Enfim, aqueles cinquenta ou sessenta quilómetros agitados pelas curvas e ladeiras da Ribeira de Alge eram feitos pela arcaica diligência numa eternidade parecida com oito, ou dez horas de viagem e sete, ou oito tostões pagos à venerável «Companhia de Viação Tomarense».

Nos princípios deste século, Figueiró dos Vinhos considerava-se, já, uma terra formosa, de natureza atraente e viva quanto à sua situação geográfica, enquadramento vegetal, clima e outras virtudes, qualidades inerentes ao sítio, mas um tanto maliciosa na crítica aos costumes da sociedade figueirense dessa época.

Os pontos de «cavaco» eram diversos, mas só um, verdadeiramente se impunha e pontificava: a antiga farmácia Serra, coração da vila onde palpitava todo o ardor político e social do tempo. Por ali passaram, além do patrono da botica, o Dr. Fernandes Figueira, juiz da comarca; o escrivão de fazenda Baguet Rebocho; o advogado Dr. Sande Marinha; o delegado Dr. Henriques Gois — mais tarde Procurador Geral da República; — Dr. Mendes Cid, médico do partido, meu Pai, funcionário da repartição de fazenda, e muitos outros mais que o destino desviou de ali.

A família Vasconcelos dava também o seu contingente para elevar o nível mental daquele cenáculo.

Todas estas figuras eram, por mim, observadas, às vezes, de longe, ou nas minhas espreitadelas à porta da botica quando ainda era pequeno demais para ter voto na matéria — isto é: na «má língua»; porque, no fim de contas, não há sítio para se dizer mal dos outros como as farmácias da província.

Mas, deixemos-lhe o ambiente morno que lhe é usual pelo cheiro particular dos bálsamos e do éter, e respiremos, cá fora, o ar livre, fresco e tonificante daquela paisagem variada e rica, tão coerente com a índole dos seus habitantes. Assim o devia sempre ter pensado o nosso saudoso e castiço Mestre Malhoa ao transpor da Natureza para a tela os episódios rurais mais características da região. Nessas inolvidáveis obras-primas os figurantes, o espírito anedótico e o cenário em que se desenvolvem formam um todo, íntegro, harmónico e indivisível.

Figueiró está ali; vive em toda a extensão dos seus quadros. O mesmo Sol, a mesma frescura, a mesma poeira daquele admirável recanto da Estre, madura eternizam-se sob a orgia luminosa que sempre acompanhou a paleta do Mestre.

À margem desses enquadramentos da Natureza, havia em Figueiró um grande atractivo para a gente moça, de então: as novenas de S. Sebas-

(Continua na 3.ª página)

Dr. Eduardo Caetano Nunes

Sócio número um, fundador desta Casa e Presidente da sua primeira Direcção, o Dr. Caetano Nunes goza, merecidamente, da maior estima e simpatia de todos os nossos associa-



dados que têm em grande consideração o o muito que lhe deve esta colectividade.

Actual Presidente da Assembleia GeGral, fazemos votos para que, por longos anos, continue a dar-nos o seu apoio e pedimos a Sua Excelência nos perdoe ofendendo a sua modéstia com esta simples mas sincera homenagem que aqui lhe prestamos e que é bem a expressão do sentir de todos aqueles que, conhecendo as suas excelsas qualidades de carácter, muito to se honram com a sua amizade.

Dr. Fernando Lacerda

O mais bairrista e dinâmico de todos os seus sócios, muito lhe deve esta Casa pelo que lhe tem querido e por ela tem feito como seu director.

Como oftalmologista ilustre — que o é entre os primeiros — encontra-se actualmente frequentando um curso de alta especialização nos Estados Unidos da América do Norte. E tão apreciados têm sido ali os seus trabalhos que, ainda recentemente, foi homenageado com um almoço oferecido pelo Director da Faculdade de Medicina de Washington, notícia que muito nos desvaneceu.

Que seja muito feliz no desempenho da missão que o levou a tão longas terras e que em breve regresse à nossa, a que tanto quer e em que tantos amigos conta, são os nossos sinceros votos.

ALMOÇO

de

Confraternização

Para o almoço de confraternização, a realizar na nossa sede no dia 4, aceitam-se ali

inscrições até ao

dia 1 de Maio.

A T O D O S

A todos aqueles que, mercê do seu bairrismo, e à custa de muito trabalho e persistência, sempre animados do grande desejo de ver prosperar esta Casa, lhe têm dedicado muito do seu esforço;

A todos os nossos confratêneos, quer aqueles que aqui vivem quer aos que residem na nossa terra, e que nunca esquecemos;

Às agremiações regionalistas, nossas congéneres, com quem temos mantido sempre as melhores relações;

A todos aqueles que nos honraram com a sua colaboração para este número;

A toda a imprensa portuguesa, sempre pronta a dar-nos a sua valiosa colaboração, e, em especial, aos jornais que se publicam na Comarca de Figueiró dos Vinhos,

Dedicamos este jornal no ano X.º da fundação da nossa Casa.

A DIRECÇÃO

FILOZEL

CALÇADOS
QUE
MARCAM

//

Telef. 2 8606

R. da Prata, 201-203

Neto & Simões

TALHO NÚMERO 493

.....

CARNES VERDES E FUMADAS
DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

.....

RUA DAS FARINHAS, 19

INSTALAÇÕES PARA ELECTRICIDADE E PARA GÁS

O maior sortido em candeeiros
Casas de banho completas, ferros de engomar,
etc. — A PRONTO E A PRESTAÇÕES

—//—

CASA QUARESMA

Rua dos Fanqueiros, 114-2.º—Telefone 3 0430

M. Gomes da Costa

ALFAIATE
PARA HOMENS
E SENHORAS

.....

RUA DE SANTA MARTA, 27-1

Fábrica de Malas

de MANUEL MACHADO AGOSTINHO

Malinhas — Carteiras — Pastas — Cintos —
Bolsas para moedas — Artigos de viagem

RUA DAS FARINHAS, 3-1.º—TELEF. 2 7852

Estabelecimento: R. da Madalena, 205—Lisboa

Lydia

a Sapataria da "Elite"

.....

RUA DO LORETO, 32

TELEFONE 2 7513

Electro Rádio dos Anjos

de Quaresma & Prata, L.ª

Revendedores de Rádios das melhores marcas
Reparações garantidas em T. S. F.
Venda de material eléctrico e rádio

RUA DOS ANJOS, 12-B (Por detrás do Cinema
Lys) — LISBOA — Telef. 5 1406

OURO E DINHEIRO

.....

VENDAS DE OURO, JOIAS, PRATAS
:: RELÓGIOS EM SEGUNDA MÃO ::
EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHORES

—»«—

ALVES & CARREIRA

16—RUA DOS ANJOS—16-D

RESTAURANTE - BAR "BELO HORIZONTE"

RUA DO ARSENAL, 48-52

.....

CERVEJARIA
E MARISCOS

.....

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

DR. FERNANDO LACERDA

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dis-
pensário Policlínico Central. Ex-Assistente da
Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmo-
logia Dr. GAMA PINTO)—Doenças dos Olhos
—Operações—Consultas previamente marca-
das pelo telefone 2 2070, excepto às 5.ªs feiras

CALÇADA DO CARMO, 6, 1.º, D.º

COELHO & SANTOS, L.ª

MERCEARIAS FINAS

.....

GÉNEROS DE 1.ª QUALIDADE RECEBIDOS
DIRECTAMENTE DA PROCEDÊNCIA

.....

RUA ANDRADE, 19-21

COIMBRA & SIMÕES

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

.....

ÁGUAS MINERAIS
PAPELARIAS — LOTARIAS

.....

Rua da Conceição, 1 — Rua da Madalena, 81

Surgiu-nos a ideia de historiar, tanto quanto possível, a criação da nossa Casa; pois, apesar da sua fundação não datar de há muitos anos, o que é certo é que nem todos os nossos conterrâneos conhecem a «cerimónia» do lançamento das primeiras «pedras» que lhe deram os alicerces. E ainda alguns daqueles que se lembram da sua «meninice», por conhecimento de outiva, porque perfilharam a ideia, ou ainda porque de obreiros serviram, não deixarão de gostar de ver o assunto mais ou menos descrito em letra redonda, como soe dizer-se.

Compulsando os poucos documentos existentes no arquivo da nossa Casa, vimos que os mesmos não satisfaziam plenamente a nossa curiosidade. E isto, porque, além de não nos fornecerem os primeiros passos da ideia concebida (pois é verdade que se diga, que de mistura com as boas intenções também não andaram arredias as contrariedades, melindres, choques de opiniões, etc.), ofereciam-nos dados um pouco confusos, o que aliás não raras vezes acontece quando se iniciam empreendimentos desta natureza.

Tomamos então a deliberação de entrevistar alguém.

Mas quem? Algum conterrâneo dos que apadrinhou a ideia posta a lume, ou algum daqueles que deram os primeiros passos?

Optamos pelos segundos, somente na mira de pormenores que melhor preenchessem determinadas lacunas; isto é, que nos dessem élos para formar a corrente dos factos passados, que pelos documentos à nossa mão nos aparecia quebrada, aqui e além.

Ora, como sucede nos romances policiais, em que o factor acaso é quem quase sempre põe no bom caminho o perspicaz detective nos momentos mais bichudos ou nas situações mais embaraçosas que a fantasia do autor criou, esse mesmo acaso também não nos foi adverso, lançando-nos na frente o n.º 430 de o jornal «A Regeneração», de 12 de Junho de 1937, que insere uma carta ao seu

LAMENTÁVEL ERRO

Na legenda «Castanheira de Pera-Vista geral», paginou-se, na 5.ª página, por lapso, uma fotografura de Pedrógão. Que os leitores nos relevem a falta.

ENTREVISTA OPORTUNA

ilustre director, e onde se foca a criação do Grémio Regional da Comarca de Figueiró dos Vinhos, assinando, pela Comissão Organizadora, o sr. Américo de Campos.

Estava escolhido o entrevistado.

Expostos os nossos desejos, o nosso compatriota Américo de Campos coloca-se ao nosso inteiro dispor, da melhor boa vontade, desejando, no entanto, furtar-se a qualquer espécie de entrevista. Mas, argumentando-se com o interesse de todos nós, pois, desejávamos conhecer os factos reais de uma diligência em que tomou uma parte bem activa de braços dados com outros conterrâneos, e que de certa maneira convinha deixar expressos, atendendo às atribuições que sempre se originam quando se lançam as bases da criação de uma colectividade, o nosso entrevistado, abre-se para dizer-nos:

—«Sendo, realmente, um dos pioneiros da nossa Casa, tenho-lhe amor, e ainda que por motivos da minha vida particular tenha andado afastado, ultimamente, das suas actividades, tenho, sempre, com prazer, assistido à sua evolução».

—«Mais uma razão para nos ajudar ao que nos propusemos, retorquimos.

—«Pois bem» — diz-nos o nosso conterrâneo e acrescenta: — «deixe-me apelar para a minha memória e servir-me de uns apontamentos que possuo, para tanto quanto possível não falsear a verdade e dar aos factos a sequência que me parecem dever ter, em conformidade com o que se passou».

—«Somos todos ouvidos, respondemos.

—«...Organizada por mim uma lista, colheram-se de alguns conterrâneos importâncias para fazer face às primeiras despesas com a fundação do Grémio Regional da Comarca de Figueiró dos Vinhos e formou-se uma comissão organizadora».

E prosseguiu:

«Depois de várias canseiras de que não vale a pena falar, reunimos pela primeira vez no dia 13 de Maio de 1937 na Travessa dos Inglezinhos, 3, 1.º, sede da Cooperativa dos Empregados na Indústria Hoteleira e Profissões Anexas (em dissolução), que depois passou a ser a sede do Grémio Regional de Ferreira do Zêzere e onde nos instalámos provisoriamente. Nessa reunião estavam presentes, além da minha pessoa, Alberto Lopes, João Fernandes Henriques, Manuel Tomaz dos Anjos, Manuel Gomes da Costa, Augusto Gomes da Costa, António Carvalho Rosinha, Paulino Martins, Américo Quaresma e Manuel Fernandes Henriques, e ainda os srs. Antero Henriques de Carvalho e Mário Henriques Serrano, do Grémio Regional de Castanheira de Pera (em organização). Expus então os desejos de que se unissem aos esforços dos figueirense os elementos de Castanheira de Pera, que agora sabia, também, se andavam agrupando para fundar o seu Grémio; e isto não só porque se evitava um desperdício de esforços, mas também de tal junção muito mais haveria a esperar; pois, quando pensei na fundação do G. R. C. F. V. desconhecia a vontade que animava os castanheirenses. Concordei com o meu alvitre, nesse mesmo momento, o sr. Antero de Carvalho, sendo o sr. Mário Serrano de opinião, que, primeiro, se criassem os dois Grémios, em separado, para depois se fusio-narem. Mas, por proposta do conterrâneo sr. Paulino Martins, ficou mais ou menos assente que os esforços se aliassem desde aquele momento, sendo os restantes de igual opinião; pelo que foi resolvido, desde logo, nomear uma comissão para uma reunião, em conjunto, com a comissão organizadora

do Grémio Regional de Castanheira de Pera».

—«E começaram logo a trabalhar em conjunto?» — perguntamos.

—«Não, senhor» — diz-nos o nosso entrevistado, continuando:

—«Tivemos uma 2.ª reunião em 3 de Junho seguinte, presidida pelo sr. dr. Eduardo Caetano Nunes, na qual fiz ciente os conterrâneos presentes que os castanheirenses, por impressões trocadas particularmente, nem todos estavam dentro das nossas intenções. Dei conta de uma carta enviada para o jornal «A Regeneração», e foi apreciada uma circular remetida a todos os nossos conterrâneos residentes em Lisboa».

—«Depois» — continuou o sr. Américo de Campos — «realizou-se uma 3.ª reunião que nomeou uma comissão assídua composta pelos conterrâneos dr. Eduardo Caetano Nunes, como presidente, Augusto Gomes da Costa, tesoureiro, Manuel Gomes da Costa, Américo Quaresma, António Carvalho Rosinha, Manuel Simões Godinho, Alberto Lopes e por mim, como vogais, para levar a bom termo os trabalhos encetados, ficando tal comissão com poderes, como se de uma direcção se tratasse».

—«Todos trabalhavam com vontade?» — aventámos.

—«Sim; mas não devemos esquecer o saudoso conterrâneo Alberto Lopes, que foi dos elementos que mais trabalhou e a quem a nossa Casa muito fica devendo».

Perguntando como oficialmente os casos iam sendo tratados, diz-nos o nosso conterrâneo:

—«A primeira licença que obtivemos do Governo Civil de Lisboa para podermos reunir, foi passada a 24 de Agosto de 1937, para uma próxima reunião a realizar. Reunimos, pois, no dia 9 de Setembro do mesmo ano e por combinações extras, havidas na constituição de uma comissão de trabalho, foram agregados a esta novos elemen-

Todos os anunciantes deste jornal são nossos sócios e nossos conterrâneos.

Preferir as suas casas é dever de todos os nossos associados e um acto de boa solidariedade.

tos; e ficou resolvido que na próxima assembleia geral fosse nomeada uma comissão administrativa para reger os negócios do Grémio até Janeiro de 1938, devendo nessa altura ser eleita a sua primeira direcção e demais corpos administrativos.

— Mas em 1937 houve ainda uma reunião de assembleia geral? — interrompem.

— «É exacto; efectuou-se em Dezembro. E nessa sessão foi apresentada a lista dos corpos gerentes, ficando constituída a direcção pelos conterrâneos: Dr. Eduardo Caetano Nunes (presidente), Alfredo C. Fonseca (vice-presidente), Ramiro Simões Coutinho (1.º secretário), Adolfo Sequeira (tesoureiro), Roberto Simões Alves (2.º secretário), Manuel Tomaz dos Anjos e Marcolino Henriques de Carvalho, respectivamente, 1.º e 2.º vogais».

— Quando efectuaram a sua 1.ª festa? — interrogamos.

— «A primeira festa que o nosso Grémio deu, foi, salvo erro, em 30 de Janeiro de 1938; e como ainda não tínhamos os estatutos aprovados, foi-nos a mesma dedicada pelo Grémio Regional de Ferreira do Zêzere».

— Em que relações estavam com a Casa de Pedrógão Grande, já ao tempo formada? — inquirimos.

O nosso conterrâneo, olhou-nos uns momentos, parece coordenar ideias e diz-nos:

— «As melhores. Trabalhou-se até, afinadamente, no sentido dos pedroguenses se aliarem a nós, mas nada se conseguiu, talvez pela existência então de alguns elementos, no seio daquela organização, não simpáticos e com alguma preponderância. E estou certo que se os valiosos elementos de Pedrógão Grande tivessem anuído ao que se desejava, muitos sacrifícios teriam sido poupados às duas agremiações e muito se teria lucrado».

— Concordámos inteiramente. E acrescentámos: — Só vemos vantagem de parte a parte que a Casa de Pedrógão Grande ingresse na nossa Casa; seríamos uma maior força. Não se compreende mesmo o «stato quo». Há arestas vivas que se fossem limadas muito haveria a esperar; só benefícios poderiam advir, auxiliando as boas intenções de todos em prol da nossa região e da nossa actividade associativa. O tempo ainda

FIGUEIRÓ DOUTROS TEMPOS

(Continuação da 1.ª página)

tião celebrados numa capelinha do cimo de vila em certas noites do mês de Janeiro. A festa era o menos; mais foguetório, menos foguetório; mais fogaça, menos fogaça, isso pouco influiu no ânimo da juventude figueiroense. A luz do Sol parece ser contrária aos problemas do coração; e não há, por isso, coisa que chegue ao crepúsculo para servir o interesse dos namorados. A luz dos brandões é meiga e propícia às doçuras da alma; por essa razão, a ternura dos apaixonados enchia mais a nave da capela que o fumo aromático do incenso.

No caudal das minhas recordações de Figueiró anda ainda a suave poesia das suas fontes e a deliciosa água que elas nos dão, a correr e a cantar talvez para, assim, contradizerem o destino de algumas que vivem a gemer, gotejantes, como lágrimas vertidas por olhos tristes e magoados.

Lá em cima, a maior de todas, a «Fonte das Freiras», com seu ar de monumento e quatro ou cinco bicas desafia, na abundância e na frescura musical do jorro, as fontes de Berninij, da cidade eterna. Depois, a «Fonte das Guimarães», modesta pela forma, mas rica em qualidade, e, para não falar doutras igualmente sãs e atraentes, a do «Convento», lá em baixo, ao fundo da vila, eternamente a gotejar sob um alfobre de madre-silvas perfumadas.

Figueiró, nestes últimos quarenta anos, cresceu, mudou; tornaram-se mais amplos os seus limites e mais rica a fisionomia das suas obras; mas, no fundo, rescende a mesma poesia, aquele tesouro eterno com que a Natureza o dotou.

é o melhor conselheiro; entreguemo-nos a ele... e conte-nos mais coisas da nossa Casa.

— «Lá fomos remando o barco, nem sempre com vento de feição...» — continuou o nosso conterrâneo. — «Aprovamos a nossa bandeira em 2 de Junho de 1938, que como se sabe, é constituída pelos braços dos três concelhos. Mas não ficam por aqui as nossas canseiras e... as peripécias».

—?... —

— «A cada passo apareciam espinhos, melindres sem conta, etc. Olhe, em reunião de direcção de 21 de Julho do mesmo ano de

1938, foi por esta pedida a sua demissão e voltou depois a reunir em 11 de Agosto seguinte para dar posse a uma comissão, que ficou composta pelos conterrâneos: dr. Eduardo Caetano Nunes, Ramiro Simões Coutinho, Marcolino Henriques de Carvalho, Manuel Simões Godinho, Álvaro Francisco dos Reis, Manuel Francisco dos Reis e por mim. E depois, como se disse já, havia ainda o Grémio Regional de Castanheira de Pera, em organização, e a única viabilidade que eu via de se chegar a um facto concreto era a fusão com a nossa Casa; e assim o entendiam muitos castanheirenses,

que já eram nossos associados, acabando por verificar-se o melhor».

— Efectivamente, — dissemos — a fusão foi feita, e exarada em acta de 27 de Outubro de 1938, ficando, nessa altura, por sortes tiradas, os figueiroenses com os números ímpares e os castanheirenses com os números pares. E pouco mais ou menos nessa altura teve a nossa Casa a sua sede própria na Avenida Almirante Reis.

Conversámos ainda com o nosso conterrâneo sobre a mudança de Grémio para a actual designação, em conformidade com as leis corporativas do País; aprovação dos nossos Estatutos por alvará do Governo Civil de Lisboa de 19 de Abril de 1939 e reunião de uma assembleia geral em 31 de Maio do mesmo ano, que elegeu corpos gerentes, tendo-se entrado, felizmente, naquele caminho de prosperidade, que, para se conseguir, tantas arrelias e dissabores havia custado.

Relembramos ainda a crítica, aliás judiciosa, que o jornal «A Regeneração» fez a respeito da nossa Casa em Junho de 1937, em que o vaticínio não era nada para encorajar, mas que os factos desmentem pela persuasão dos conterrâneos que nunca deixaram de amar a sua terra e a sua região; com o que nos felicitamos e o jornal «A Regeneração» não deixará de regozijar-se também, pois não poderemos esquecer o apoio que sempre nos têm dado, concorrendo assim com a sua cota parte para satisfação de todos.

Estava terminada a entrevista com o nosso conterrâneo sr. Américo de Campos. Só tínhamos que lhe pedir desculpa do tempo que lhe roubámos e agradecer os valiosos esclarecimentos que nos havia fornecido.

E já nos despedíamos quando nos vem à ideia uma pergunta:

— Quantos anos de existência da nossa Casa devemos nós comemorar?

— «Sem sombras de dúvida, — diz-nos o nosso amigo — é o X Aniversário. A sua fundação foi em 1937, abonada pela primeira autorização do Governo Civil de Lisboa, para reunirmos, e reforçada por todas as diligências tidas e que se deduzem do que lhe narrei».

— O. K. — respondemos, com mais um valente aperto de mão.

A casa

ALBANO TOMAZ DOS ANJOS, LIMITADA

na R. do Sol, a St.ª Catarina, 58-60
com o telefone número 2 9707

dispõe dos mais modernos maquinismos para
a composição mecânica dos seus

LIVROS, REVISTAS, JORNAIS, ETC., ETC.

Dr. Eduardo Caetano Nunes

NOTÁRIO

RUA DA ASSUNÇÃO, 99 - 1.º

TELEFONE 2 2550

Avenida Café L.ª

RUA JARDIM DO REGEDOR, 34-50
LISBOA

«AQUÁRIO»

RESTAURANTE / BAR / MARISCOS

C A V E S
F A M O S A S

CASA DA FAMA

ANÍBAL SIMÕES FERRUGEM & PEREIRA, LD.ª

ALFAIATES-MERCADORES
CAMISARIA-CHAPELARIA

Secções de fatos feitos, gabardines e sobretudos
Confecções para senhoras e crianças

96, R. Fanqueiros, 100 / LISBOA / Tel. 3 2493

MANUEL HENRIQUES VARANDA

TALHOS N.ºs 348, 353 E SALSICHARIA
ESPECIALIDADE EM CHOURIÇOS
E FARINHEIRAS DA PROVÍNCIA

SEDE: Rua da Atalaia, 173
SUCURSAL: Avenida Álvares Cabral, 86-D

Vai a Lisboa

às

Festas da Cidade?

Faça uma visita aos

ESTABELECIMENTOS REIS!!

onde V. Ex.ª encontrará o mais completo sortido de **Tecidos de Algodão, Lanifícios, Secção de Camisaria, Malhas e Retroseiro**. As mais altas qualidades e os mais baixos preços são a divisa da

CASA REIS

26, RUA VIEIRA PORTUENSE, 28 — BELEM
Telef. 33 6413

FILIAIS

92, Rua de S. Paulo, 94 — LISBOA — Tf. 2 3546

376, Rua da Junqueira, 378 — Telef. 3 6212

ROYAL HOUSE

PEREIRA & ALMEIDA

ALFAIATARIA

CAMISARIA

NOVIDADES

Depósito do CABIIDE MANEQUIM

R. S. Nicolau, 83-89 / LISBOA / Telef. 2 2820

Mendes & Braga, L.ª
FARMACÊUTICOS

Doenças do Aparelho Digestivo e seu tratamento
pela GASTRALGINA «VERITAS»
LAXATIVO VEGETAL «VERITAS»

RUA DA MISERICÓRDIA, 135 — LISBOA
Telefone 2 4554

Domingos da Silva

SECÇÃO DE OURIVESARIA E JOALHARIA
(DE PENHORES)

Pianos e Órgãos — Reparações e afinações garantidas — Aparelhos T. S. F. — Mobiliários, Antiguidades, etc.

Calçada do Combro, 10 a 16, loja e 1.º andar
TELEFONE 2 2555 — LISBOA

Império Exportador, L.ª

Conservas de peixe de todas as qualidades
e formatos — Vendas para exportação e para consumo no País

Telefone 2 1531 — End. Teleg. «RIDAR»
Código ABC 5.ª Ed.

RUA JARDIM DO REGEDOR, 5 - 3.º

Lourenço Limitada

Fabricantes de Malas e artigos de viagem
Encarregam-se de todos os consertos pertencentes à sua arte — Malas — Artigos de viagem — Pastas — Malas para senhoras

SEDE: Rua da Madalena, 129 — Telef. 3 1813

SUCURSAIS: 118-A, Avenida Almirante Reis, 118-B; 20, Rua do Sol ao Rato, 22 — LISBOA

PEDRÓGÃO GRANDE

SOB O PONTO DE VISTA TURÍSTICO

O concelho de Pedrógão Grande fica situado a nascente da meseta geográfica do norte do distrito de Leiria, entrecortado por fartos vales de regadio, alguns bastante profundos, e cujas encostas — são vestidas por extensos e bastos pinhais, salpicadas aqui e além por sombrios olivedos, à mistura com frondosos carvalhos, — e ladeado a leste pelo rio Zêzere e a oeste pelas ribeiras da Nodel e Bouçã, e atravessada, ao centro, no sentido de norte a sul, pela ribeira de Pera, de famosas tradições.

De facto, este concelho possui atractivos duma beleza surpreendente — atractivos naturais — que escapam naturalmente à observação dos que habitualmente aqui residem, mas que empolgam e fascinam pelo seu ineditismo, e, quantas vezes, pela rudeza dos seus aspectos, — o veraneante e o turista sedento de belezas campestres e apaixonado por motivos regionais, nas suas manifestações mais características.

//

Se nós subirmos ali ao «Cabeco Cavaleiro» — contraforte da serra da Lousã que se estende da Catraia até à «Foz de Alge» — e que domina abruptamente pelo norte, toda a freguesia de Vila Facaia, da Graça e uma grande parte da de Pedrógão, — a nossa vista não se cansa de admirar a vastidão do panorama que se alonga a perder de vista, até à Serra de Cardigos e Magão, divisa-se mais perto as serras da Sertã e de Oleiros, Sernache e Pedrógão Pequeno, a nascente a Gardunha, coberta de neve até muito tarde, ao norte a serra da Lousã, e ao longe, muito ao longe, a sombra opaca e esfumada da serra da Estrela.

Os nossos olhos não se cansam de observar os ignotos casais branquejando, que se perdem nas encostas das serras, aninhados, vivendo apagados, na sua humildade rural, e onde, nestas tardes de primavera, quando o Sol nimbado duma poalha de luz, vai caindo semi-ânimo no vago horizonte, se reflectem os raios solares num conjunto mágico de iri-

sadas cores, que extasiam o espírito mais obsecado.

Os ribeiros que sulcam estes vales verdejantes, peçados de pujante verdura e de videiras ondulantes coleando a encosta, correm pressurosos, de pedra em pedra, torcicolando, por entre as relvas, sumindo-se, aqui, sob os nateiros, para aparecerem mais adiante, furtivos, quando os não surpreende inopinadamente uma represa, adrede preparada, donde deriva grossa levada, que vai contornando o vale amanha-do, regando a terra sequiosa onde vicejam as hortas.

Os vimieiros, os salgueiros entremisturam-se com as «latadas» de videiras, debruçando-se sobre as águas da ribeira, cujo murmúrio suave se casa admiravelmente com o cantar melodioso dos passarinhos escondidos nas bolsas frescas que orlam as suas margens.

A paisagem é sempre bela, quer caminhemos junto ao ribeiro buliçoso, quer passeiemos por entre o mácio dos pinhais ou sob os copados carvalhos de vida secular, cujo chão se cobre de fofos musgos, duma uniformidade admirável que nos obriga a repousar!

//

Todo este concelho é um contínuo cenário de vistas surpreendentes!

A nascente, no fundo dum vale profundo que parece ter sido cavado por gigantes de outras eras, corre em minguado leito, o rio Zêzere de históricas tradições.

Depois de ter dado vida intensa a variadas indústrias, fazendo mover as numerosas fábricas que orlam as suas margens, e as azenhas, de pequenas proporções que se aconchegam, nos cotovels do rio, perto ou longe dos açudes que lhes fornecem a necessária energia motriz, — as águas do rio, de leito pedregoso, numa correria doida, vão escavando mais e mais nos interstícios das rochas milenárias que emergem, aqui e além, das suas águas caudalosas, deixando atrás de si uma paisagem agreste, de profundas características alpinistas, bem vincadas ali no

«Cabril» e um pouco mais em baixo, no «Penedo da Granada» — ponto de confluência da ribeira de Pera com o Zêzere, — onde as margens se nos mostram alcantiladas, de rochedos nus, recortados e mutilados pelos duros golpes sofridos pela impetuosidade de milhares de invernos sucessivos!

O rio, aqui, faz um S, duma perfeição simbólica, que nos faz crer que é com manifesta relutância que se afasta deste recanto vetusto da Natureza.

//

A «Cotovia» — ponto turístico servido por uma modelar estrada, — proporciona-nos um dos panoramas mais belos de Pedrógão. O quadro que se nos antolha é duma agressividade, que nos castiga os olhos, — mas que nos empolga a alma, pela sua grandeza, dum aspecto profundamente montanhoso.

O sítio da «Senhora dos Remédios», onde se ergue a sua capela votiva, envolta no mistério duma lenda que perdura na tradição oral, — é incontestavelmente um ponto a todos os títulos interessante, duma vista panorâmica que prende o espírito do veraneante mais despreocupado.

Ali, a dois passos de Pedrógão, numa pequena eminência que domina o Cabril, — fronteira à S.ª da Confiança, — o «Alto da Sr.ª dos Remédios», é concorrido, em dias santificados, por inúmeros devotos, que ali acorrem imbuídos duma certa religiosidade, suggestionados pelo encanto duma paisagem dum bucolismo rude, duma magia sugestiva, que nos infiltra dentro de alma, uma suave nostalgia, dum misticismo salutar.

//

E em diversos pontos do concelho, os quadros, como os que vimos pallidamente descrevendo, duma intensa policromia, encontram-se a miude, em grande profusão, esquecidos alguns, abandonados outros, como se não existissem olhos sequiosos de quadros realistas, como se os homens não tivessem instintivamente a afeição do belo e da perfeição

natural, que só a terra-mater, a Natureza nos pode proporcionar.

Nada mais belo do que aquilo que a Natureza, sempre pródiga nos oferece nos seus múltiplos aspectos!

Nada mais interessante do que a beleza nativa dos nossos vales emoldurados por uma vegetação frondosa! E soubéssemos nós, tirar, deste conjunto feliz de circunstâncias de ordem natural, o necessário proveito, e a nossa terra, o nosso concelho, podia ser, como outras terras menos dotadas em dons naturais, aquilo que nós queríamos que ela fosse — uma estância de turismo, uma estância de recreio e de repouso!

António L. da Costa

PROGRAMA

DAS FESTAS COMEMORATIVAS DO NOSSO ANIVERSÁRIO

MAIO DE 1947

DIA 3 (SÁBADO)

Às 11 horas — Igar da nova bandeira.
Às 22 horas — Sessão Solene, para que foi convidado Sua Excelência o Senhor Governador Civil de Lisboa, sendo conferente o Ex.^{mo} Senhor Dr. João Carlos Celestino Gomes, seguida de um grandioso baile.

DIA 4 (DOMINGO)

Às 13 horas — Almoço de confraternização, servido no nosso salão de festas, durante o qual se fará ouvir a esplêndida orquestra Copacabana.

DIA 11 (DOMINGO)

Às 11 horas — Desafio de Futebol entre dois grupos de sócios da Casa (casados e solteiros), a realizar no Campo Desportivo da Polícia, ao Campo Grande, para disputa da Taça «Dr. Fernando Lacerda».
Às 22 horas — Grandioso Baile, durante o qual serão distribuídos os prémios dos campeonatos de Bilhar e Sueca e do desafio de Futebol realizado pela manhã.

DIA 18 (DOMINGO)

Às 22 horas — Baile dedicado à Casa Regional de Ferreira do Zêzere, como testemunho da solidariedade que nos foi prestada quando da fundação da nossa Casa.

DIA 31 (SÁBADO)

Às 22 horas — Grandiosa Festa Regional, dedicada a todos os nossos conterrâneos, com grandes atractivos e surpresas.

Os nossos bailes serão abrilhantados pela exímia ORQUESTRA COPACABANA, privativa da nossa casa.

O desafio de Futebol do dia 11 será filmado por um dos nossos sócios.

DR. JOSÉ COELHO DA FONSECA

Faltáramos a um imperioso dever de gratidão se não aproveitássemos esta oportunidade para lhe endereçarmos os nossos cumprimentos.

O Dr. Coelho da Fonseca tomou conta da Direcção desta Casa num dos momentos mais críticos porque ela tem passado, tirando-a da beira do abismo para a elevar ao seu verdadeiro lugar. Trabalhou incansavelmente para o conseguir e, durante os anos que esteve à frente dos seus des-

tinios, realizou uma obra tão notável que só os que acompanharam o seu trabalho podem avaliar.

Não é esta a justa homenagem que lhe devemos; essa, que bem merece, há-de ter lugar oportunamente. Por agora, queremos apenas arquivar nestas colunas esta afirmação: A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos deve-lhe muito da sua existência e nós não o esquecemos.

Bem haja, pois, pelo que tem feito por esta nossa e sua Casa.



PEDRÓGÃO GRANDE — Cabril - Foz

CASTANHEIRA DE PERA

DA ACTUALIDADE

Dando satisfação ao amável convite que nos foi dirigido, não podemos deixar de vir dizer alguma coisa sobre a vila de Castanheira de Pera, embora outros, melhor que nós, para isso estivessem indicados.

O concelho de Castanheira de Pera, cuja fundação já lá vai há mais de 30 anos, faz parte integrante da Comarca de Figueiró dos Vinhos, encontrando-se ligado aos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande, Lousã e Gois.

A fundação da vila de Castanheira de Pera, não está bem esclarecida, mas as primeiras residências já têm centenas de anos.

Castanheira de Pera é, presentemente, um importante centro indus-

triário para a época e que ainda hoje, mercê de tudo, não conseguiram ser suplantadas.

Actualmente há nesta região 12 fábricas de lanifícios, além de muitas oficinas de tecelagem e oficinas de fabrico de artefactos de malhas, quer em regime industrial, quer em regime caseiro, havendo ainda algumas oficinas dedicadas a artigos regionais e como tais considerados.

Os tecidos de antanho, eram os bureis, surrobecos, cintas, lãsinhas e barretes, cujo fabrico, embora em menor escala, juntamente com os chales, ainda perdura. Porém, a par desses tecidos para as classes menos abastadas e até para as abastadas: de determinadas regiões, existe presentemente o fabrico de tecidos finos para vestidos e casacos de senhora que honram o País, pois igualam e, em determinados casos suplantam até, tecidos congêneres estrangeiros.

A par desses tecidos finos e daqueles a que já nos reportámos, é também desta região que sai o maior contingente do tecidos em «escocês» com o qual o nosso pescador no litoral se veste.

A maquinaria das fábricas de Castanheira de Pera é ainda, em alguns casos, antiquada, mas, actualmente, todos os industriais tendem a modificá-la e até o característico tear manual, com os seus pesos tilintando, tende a desaparecer.

Oxalá que uma maior onda de progresso invada esta região, para contrabalançar aquelas fábricas que daqui têm já saído e outras que pensam em ir para mais perto da Capital, atenuando assim as condições pesadas que oneram as matérias primas e tecidos manufacturados, pelo facto desta vila se encontrar a grande distância do caminho de ferro.

De qualquer maneira, a indústria de lanifícios de Castanheira de Pera honra o País e já o tem demonstrado em todas as exposições onde se tem feito representar e sabem-no bem todos aqueles que aos lanifícios se dedicam.

//

Poderemos agora ver Castanheira de Pera sobre outros aspectos. Está este concelho integrado numa região de turismo, Lousã-Figueiró-Pedrógão, mas, apesar de tudo, não é classificada como tal. É certo também que para se poder fazer propaganda nesse sentido, embora lhe não falem condições e belezas naturais que o justificassem, havia a notar uma importante falta, difícil de suprir: Um Hotel de primeira categoria.

Tal falta, felizmente para a região, vai finalmente ser reparada com a construção que dentro em pouco vai ter início da

POUSADA DE S. FERNANDO

Não está ainda definitivamente assente se ficará com o nome de Pousada se o de Hotel. Se é certo que o título Pousada pertence a

organizações do S. N. I., a verdade é que é sob a orientação do Arquitecto Castro Freire, do S. N. I. que a planta foi organizada e que os serviços diversos estão a ser orientados. Pelo que já tivemos oportunidade de ver, acreditamos não existir nenhuma actual Pousada com os requisitos com que esta construção vai ficar, não lhe faltando o aquecimento central, água quente e fria, apartamentos com casa de banho privativa e tudo o mais quanto uma instalação moderna desta natureza impõe. A sua localização, conquanto não seja em sítio que possa fazer sobressair bastante o edifício, é, contudo, bastante central. Sabemos bem

Minha terra!...

*Figueiró dos Vinhos vive
Na saudade que se sente,
Como uma mãe que revive
No peito do filho ausente!...*

*Terra tão simples e bela
Que os corações avassala,
Aos artistas se revela
Nos horizontes de gala!...*

*Viveu nela a Natureza,
Outros dizem que lá mora,
Pois os quadros que embeleza
São mais belos cada hora!...*

*Figueiró simples e boa
Em todas as almas cala.
Malhó viu-a, adoptou-a,
Foi o primeiro a pintá-la!...*

*No Cabeço do Peão
Santo António vela, atento,
Por todos que longe estão,
E ali têm o pensamento!...*

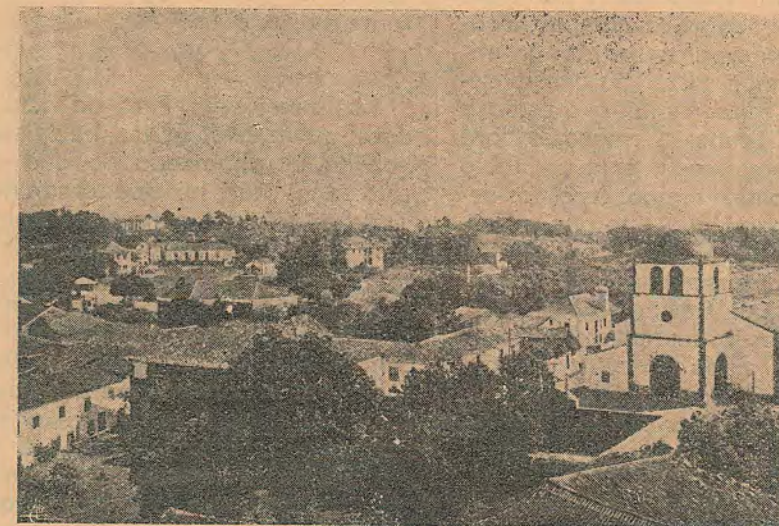
*Pedrógão e Castanheira
São velas da mesma barca.
Voam na mesma ribeira,
O mesmo olhar as abarca!...*

*Minha terra, Figueiró,
Que o meu pensar emaranhas!
— Viver sem ti é ser pó
Mesmo nas urbes tamanhas!...*

*Figueiró dos Vinhos vem
Nos olhos de quem lá vai,
Como um carinho de mãe
Que mais se entranha e não sai!...*

Porto, 1947.

FRANCISCO PIRES



CASTANHEIRA DE PERA — Vista geral

Oliveira & David, L.^{da}

ARMAZÉM DE
CEREAIS, LEGUMES
E MERCEARIAS

155-A, RUA DO BENFORMOSO, 155-B
TELEFONE 2 8563
L I S B O A

Joaquim Nunes da Cunha, Limitada

OURIVES-JOALHEIROS

108, R. da Palma, 114-24, R. Martim Moniz, 28
TELEFONE 2 8062 — LISBOA

Sortido completo de pratas, ouro, joias antigas e modernas, artisticamente trabalhadas, relógios de ouro, prata, aço e níquel para pulso e bolso, dos principais autores e fabricantes. — Especialidade em artigos próprios para igreja e capela — Orçamentos e desenhos gratuitos

ARLINDO BARRETO DE CARVALHO**P E L P A**

MANUFACTURA
DE SACOS DE PAPEL
PARA TODOS OS FINS

Travessa da Cara, 20 Telef. 2 4842 Lisboa

Mercearia A LIBERAL

VAZ JUNIOR & COIMBRA, LDA.

Completo sortimento de géneros de Mercearia
de 1.^a qualidade

67, AVENIDA DA REPÚBLICA, 67-E
: : : : : Telefone 7 0949 : : : : :

A. Gomes da Costa

VIDROS E CRISTAIS
ARTIGOS DE NOVIDADE
Porcelanas — Aluminios — Esmaltes — Talheres
Artigos para Cafés, Hotéis e Restaurantes
COMPLETO SORTIDO PARA CASAS DE BANHO

262, Rua da Palma, 262-A — LISBOA
— Telefone 2 2515 —

CONSERVAS

P. MARTINS

MARCAS PRÓPRIAS

NAVAL — CELESTE — ACOR

Escritório: R. S. Julião, 7-9 — Lisboa

SAPATARIA MODERNA

ADELINO HENRIQUES

O MAIS COMPLETO SORTIMENTO EM CALÇADO
PARA SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS
O NOSSO CALÇADO É O MAIS ELEGANTE, O
MAIS RESISTENTE E O MAIS BARATO

36, RUA DA MOURARIA, 36 — LISBOA
(Em frente à igreja da Senhora da Saúde)

Antiga Agência Funerária "MEGA"

de MAURÍCIO LOPES MÉGA & C.^a

Grande sortimento de urnas e corôas — Trata de funerais completos dos mais simples aos de maior pompa — Translações em todos os cemitérios e para o estrangeiro — Urnas de todas as qualidades de madeiras e de todos os modelos — Preços módicos

Garage e Depósito: Travessa do Jordão, N.º 3
Sede: L. das Olarias, N.ºs 41, 42, 43, 44 e 45
LISBOA — TELEFONE 2 7832

Viúva Carvalho, L.^{da}

Géneros do Algarve por grosso e a retalho

Especialidade em pentes — Escovas — Espanadores — Capachos — Vassouras — Torneiras de pau — Ratoeiras — Cestos — Pincéis — Utensílios para uso doméstico — Cordas de diversos tamanhos e grossuras, etc., etc.

DISTRIBUIÇÃO POR GROSSO, EM CAMIONETA
119, RUA DA MISERICÓRDIA, 119
TELEF. 2 3249 LISBOA

Mercearia Sequeira, L.^{da}

FUNDADA EM 1807 — TELEFONE 2 0237

Completo sortimento de géneros alimentícios de 1.^a qualidade — Importação directa de carnes de Portalegre e Arraiolos — Genebra, Cognac e Licores — Vinhos finos, de pasto e espumosos — Chá e café

LISBOA
51, RUA DE SANTA JUSTA, 53
RUA DOS CORREIROS, 186 a 192

Silva, Neves & C.^a, L.^{da}

DROGARIA E PERFUMARIA

Produtos químicos e farmacêuticos — Tintas, vernizes e pincéis — Águas minerais — Depositários da Loção «Higiene Capilar» — Águas de colónia «Diva», «Neve» e «X» — Essências a peso — Depósito para venda ao público dos esmaltes «Tip-Top»

Estabelecimento: 229, RUA DA PRATA, 231 — Armazéns: RUA DOS CORREIROS, 164 e 168; LARGO DO CASCAO, 3 — LISBOA
Telefone 2 7667

Sapataria Violeta, L.^{da}

Gerência de

ABEL CARVALHO DA SILVA

CALÇADOS
DE LUXO

55, R. Santa Justa, 57 Telef. 2 6328

Protectora da Casa da Criança, recebe quaisquer ofertas para ajuda da manutenção da mesma e outros auxílios.

A completar esta obra, outra vai surgir:

ASILO DE VELHOS E INVÁLIDOS

De iniciativa particular, pensou-se em levar a cabo, desta vez, uma ideia já velha na mente de muitos e, posta em acção a iniciativa, surgiram logo as verbas de contribuição dos bons e beneméritos Castanhenses que longe da sua Terra Natal acodem sempre às chamadas que lhes fazem quando elas representam algo de benefício para o seu semelhante. E assim foi que, em pouco tempo a cifra das subscrições e entre poucos, relativamente, se elevou a mais de 400 contos. Tanto bastou para que a ideia ganhasse corpo e se pedisse a participação do Estado para obra de tão importante valor social para esta região. Está feita a planta e estão a tratar dos últimos pormenores para que a sua realização seja um facto dentro de pouco tempo. As obras devem começar ainda este ano e Castanheira de Pera vai ficar dotada de uma obra de assistência importante, junto da qual funcionará também, para utilização dos necessitados do concelho e ainda daqueles que por aqui passam, uma SOPA DOS POBRES, com albergue anexo.

HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

Um outro estabelecimento de assistência que honra a terra, é o Hospital de São José (Misericórdia)

de que é actualmente provedor o Sr. Dr. Francisco Avelino Duarte Santos e que foi fundado por um grande Benemérito desta vila, Visconde de Nova Granada, daqui natural. Os Viscondes de Nova Granada, deixaram o seu nome ligado ainda às Escolas Primárias da Vila, cuja construção também foi de sua iniciativa, bem como a primeira captação de águas para o Hospital e abastecimento público. Castanheira de Pera tem ainda em aberto uma dívida de gratidão para o Visconde de Nova Granada. O seu nome não existe em qualquer via pública que o faça recordar aos vindouros. Os bustos dos Viscondes que se encontram no jardim do Hospital, são uma homenagem da Beneficência Portuguesa de São Paulo, da qual o Visconde foi grande Benemérito também e seu dirigente durante muitos anos.

//

Castanheira de Pera da actualidade, devia estar muito mais desenvolvida e urbanizada do que não está. Mas não há que desanimar. Tudo se conjuga para que caminhe e se vá pouco a pouco ajustando às realidades da vida actual.

Ainda não há muito que devido à acção de um outro seu filho, o senhor Adrião Henriques dos Reis, industrial importante em São Paulo, foi possível abrir uma nova artéria que veio a ter o seu nome e que embora ainda não concluída inteiramente, representa já um importante melhoramento para a vila.

A Câmara, da presidência do con-

ceituado industrial senhor Manuel Alves Ceppas, tem, dentro do possível, desempenhado ultimamente também uma acção importante em prol do desenvolvimento do concelho. Temos já água em distribuição domiciliária e pensa-se em levar a cabo a instalação de esgotos, quando as finanças camarárias estiverem mais desafogadas. A exploração eléctrica é um factor importante de

A minha aldeia

Como é linda a minha aldeia,
Ao luar da lua cheia,
Forte de vida e frescor.
Há rosas pelos valados,
Onde à tarde os namorados
Juram seu eterno amor.

De manhã, mal nasce o dia,
Ouvem-se logo, à portia,
Os cantos dos passarinhos,
Que começam sem parar,
Sempre, sempre a trabalhar
Na construção dos seus ninhos.

Os prados, todos floridos,
São mantos belos, garridos,
Da minha aldeia natal,
Onde há perfumes silvestres
De lindas plantas agrestes
E regatos de cristal.

Quando à tarde, o nosso céu,
Se veste de um novo véu
Porque a luz do sol rareia,
Fica uma poalha dourada,
Igual à da madrugada!

— Como é linda a minha aldeia!

BERTA SILVA

desenvolvimento e à Câmara foi possível ainda há pouco embaratar o custo da energia com o fim de auxiliar os seus habitantes e também a indústria local. Verifica-se, contudo, que o preço por que a energia é fornecida à Câmara, é deveras elevado e devia ser quanto antes modificado para o maior desenvolvimento do concelho.

Estão em projecto outras obras de interesse geral não somente para a sede do concelho, como também para as povoações que o compõem e todos, na medida do possível, serão atendidas pouco a pouco, sabemos ser o desejo da Câmara.

Há Escolas Primárias a construir, no Bolo e no Coentral, sendo bastante necessária a da primeira localidade de grande população escolar e insuficientes instalações.

As estradas é que precisam de urgente reparação, principalmente as que passam dentro da vila; e a Estrada do Espinhal, impunha-se que fosse acabada de construir para que o concelho pudesse ter um melhor abastecimento em géneros agrícolas, vindos da região do Espinhal e Peneda, onde abundam.

//

E aqui está, a traços largos, aquilo que foi possível escrever sobre a Castanheira de Pera da actualidade, embora tenha ficado muita coisa por referir, especialmente naquilo que a terra carece e não conseguiu ter ainda, apesar de todas as boas vontades: um Edifício dos Correios.

Lusegas.

CAMPPELO

(Campelo, significa, no português antigo, diminutivo de Campo:—Campinho. Pinto Leal)

É este o nome de uma das quatro freguesias que constituem o concelho de Figueiró dos Vinhos. Fica situada numa das ramificações da Serra da Lousã e é vizinha dos concelhos de Castanheira de Pera, Lousã, Miranda do Corvo e Penela. É freguesia muito antiga, mas pouco tem progredido, talvez por causa dos seus poucos recursos e do espírito um tanto aventureiro dos seus naturais, que procuram os grandes meios e o estrangeiro, em busca de melhores condições de vida. Em 1757 tinha 240 fogos; em 1874, eram já 590, e o recenseamento de 1940 apresenta-nos o número de 587.

A população era, neste último ano, de 932 varões e de 1.074 mulheres, o que perfaz 2.006 habitantes, agrupados por 489 famílias. Neste ponto é de notar o erro que se verifica a páginas 641 do 5.º volume da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», onde se atribui à freguesia a população de 11.931 habitantes. Supõe-se que houve confusão com a população de todo o concelho.

São 31 os lugares que a constituem: *Aldeia Fundeira, Alge, Campelinho, Campelo, Casal, Casas Velhas, Castelo, Coito, Eiras, Fontão Cimeiro, Fontão Fundeiro, Fonte da Corte, Moinho Novo, Molhas, Pé de Ingote, Pé de Janeiro, Peralcovo, Ponte Fundeira, Porto de Oliveira, Poesias, Póvoa, Ribeira Velha, Searas, Serradas,*

Singral Cimeiro, Torgal, Trespostos, Vale da Corça, Vale da Lameira, Vale do Vicente e Vilas de Pedro; o maior e mais populoso é o de Alge, com mais de 200 habitantes.

É atravessada pela Ribeira de Alge, antigamente chamada Ribeira Fria, cujos terrenos marginais são muito férteis e produtivos, principalmente de milho e de batata. Nas águas desta Ribeira criam-se saborosas trutas, enguias e bordalos, em cuja pesca nem sempre se empregam processos lícitos, o que muito concorre para o empobrecimento das referidas espécies.

Uma grande parte da área da freguesia é de terreno baldio, o que torna propícia a existência de gados, principalmente caprino e lanífero, e de caça indígena—coelho, lebre e perdiz, difícil de caçar, devido ao acidentado do solo.

Nas últimas duas décadas, têm sido grandemente melhoradas as condições de vida da população, com novos caminhos e estradas, pontes, fontanários e escolas, graças à admirável actividade da Câmara Municipal, que, há perto de 20 anos, vem sendo presidida pelo distinto médico—natural desta freguesia—Dr. Manuel Simões Barreiros, a quem todo o concelho fica devendo o grau de progresso de que disfruta em todos os aspectos.

É também natural desta freguesia a família Ferreira do Amaral, a quem se devem alguns melhoramentos que na mesma existem. Nela nasceu, igualmente,—na pequena aldeia de Trespostos—o Dr. José Martinho Simões, que a morte levou cedo, apenas com 42 anos, quando ocupava lugares de destaque no funcionalismo e na política do País, e quando muito havia a esperar do seu saber e das suas altas qualidades, designadamente para as coisas da administração local, a que muito se dedicou e em que bastante se distinguiu.

Os mercados com que a freguesia está relacionada comercialmente, são os da sede do concelho, do Espinhal, da Castanheira de Pera e de Miranda do Corvo.

Na sua área existem a igreja da sede e algumas capelinhas que dão lugar a graciosas e típicas romarias, a que o povo acorre com seus trajes regionais, e esquecendo, por algumas horas, a afadigosa vida dos campos, se diverte nos bailaricos, ao som das filarmónicas, das concertinas, das harmonias de boca e do estralejante foguetório. Há destas romarias anuais em Alge, Campelo, Fontão Fundeiro, Singral e Vilas de Pedro; nesta última, a festa da *Senhora do Pranto*, a festa da *Pascoela* ou das *amêndoas*, é muito conhecida do rapazio, devido ao Zé Pereira que percorre esta fre-

guesia e as vizinhas, no peditório dos mordomos, para as despesas da festividade.

No ano findo inaugurou-se em Peralcovo, uma destas capelinhas graças aos esforços bairristas e piedosos de um grupo de naturais daquele lugar. É padroeira a *Senhora da Boa Viagem*, e a sua primeira festa foi bem o reflexo da simplicidade, dos costumes e da religiosidade daquela boa gente. Espera-se que esta simpática iniciativa, tão digna dos nossos antepassados e das nossas tradições, não esmoreça, mas progrida e se desenvolva num engrandecimento bem ascensional. Tal esperança se deposita nos homens daquela terra que, em Lisboa e por todo o País, conseguiram, à custa do seu trabalho, um nível de vida desafogado, para não dizer algumas pequenas fortunas.

Gentes de Peralcovo, meditai no que os vindouros dirão de vós, se deixardes perder uma tão linda iniciativa, para que escolhestes título de tanto sentimento, de tanta esperança e de tanta saudade, que só a alma portuguesa encerra:—«Boa Viagem»!...

*Santa da «Boa Viagem»,
Olhai pelos que se vão:
O pai, o marido, o filho,
E mais o noivo e o irmão...*

Abril de 1947.

UM SERRANO

MÁRIO FERREIRA, LDA.

ARMAZÉM DE
LANIFICIOS

Rua dos Fanqueiros, 286-2.º // Telef. 2 9758

DR. ALBANO COELHO

INTERNO DOS HOSPITAIS
OUVIDOS — NARIZ — GARGANTA

Calçada do Carmo, 6 - 1.º, Dt.º

TELEFONES: Residência 4 1725
Consultório 2 2070

SOCIEDADE ULTRAMARINA DE PERMUTAS, LDA.

Largo Poço do Borratem, 13

COMÉRCIO GERAL COM AS COLÓNIAS
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Gerência: Eng.º A. G. Ejarque
Fernando Deniz Herdade

CAIXA CONFIANÇA

DINHEIRO E ANTIGUIDADES
EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

Vendas louças antigas, quadros, bijouterias, etc.

38-A — Rua Ângela Pinto — 38-A

POMPEU CARREIRA

JOSÉ ANTUNES JUNIOR

REPRESENTAÇÕES

ARTIGOS DE BORRACHA E ACESSÓRIOS
PARA FARMÁCIA

RUA DAS ATAÍFONAS, 57-1.º
Telefone m.º 3 1370

Garagem Nova Lisboa

Recolha de automóveis — Pequenas reparações
— Estação de serviço — Lavagens — Gasolina
— Óleos — Pneus — Acessórios

RUA DE S. BENTO, 9 TELEFONE 6 3509

SAPATARIA E OFICINA

de SEBASTIÃO ALVES

Calçado fino para senhora, homem e criança
Grande sortido em calçado caseiro para verão
e inverno — SEMPRE NOVIDADES

Rua do Benfornoso, 77 — Telef. 2 5696-P. E. F.
LISBOA

GRANDE GARAGEM LISBOA PARQUE, Limitada

Recolha de automóveis — Pequenas reparações
Estação de Serviço — Lavagens — Gasolina —
Óleos — Pneus — Acessórios

R. Rodrigo da Fonseca, 78-A, 78-C e 78-D
Telef. 4 4179 LISBOA

MERCEARIA COELHO

— DE —

SEBASTIÃO COELHO JÚNIOR (HERDEIROS)

RUA DAS FARINHAS, 12
BECO DAS GRALHAS, 1
Telefone 2 8235

A IDEAL DAS OLARIAS

de COUTINHO & FERREIRA, LDA.

FANQUEIRO E RETROZEIRO
Malhas, sedas, perfumarias e artigos de novidade

Rua das Olarias, 16—LISBOA
Telefone 2 9552

VARANDAS & VARANDAS

TALHOS N.ºs: 324 — SEDE
498 — FILIAL

CARNES FRESCAS E FUMADAS

LARGO DAS OLARIAS, 26 e 27
e RUA DA GRAÇA, 72-C

Firmino Henriques de Campos

AV. DA LIBERDADE

(Quisque em frente ao Cinema Condes)

LOTARIAS
TABACOS
BEBIDAS

BOMBA DE GASOLINA

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ZONA DE TURISMO

não tem um Hotel!

Com o título «Problemas a resolver» publiquei no número 563, de 18 de Julho de 1942, do jornal «A Regeneração», um pequeno artigo em que defendia a necessidade absoluta que tinha Figueiró dos Vinhos em construir um hotel. E escrevi então: «Ele é indispensável para que Figueiró venha a ocupar o lugar que lhe compete no desenvolvimento do turismo nacional».

Cinco anos passados, o problema subsiste e a necessidade da sua construção torna-se cada dia maior.

É Figueiró dos Vinhos, oficialmente, classificado de «Zona de Turismo». A esplêndida situação geográfica de que disfruta, em pleno centro do País, aliada a um agradável clima, finíssimas águas, uma exuberante vegetação e as maravilhosas paisagens que o rodeiam, são motivo de sobra para essa classificação e tornam-na uma agradável estância de repouso e veligatura.

Malhoa, o paisagista inconfundível, o Mestre insigne da pintura portuguesa, que nos deu em telas admiráveis e imortais as mais belas reproduções da nossa região, que ele tanto amou, veio um dia de visita a Figueiró e, preso dos seus encantos, aqui se quedou até que a morte o arrebatou do seu «Casulo». Ele, que não era natural de Figueiró, foi, sem dúvida, o seu maior propagandista, o primeiro turista que descobriu Figueiró.

Já houve quem chamasse à nossa terra «o Figueiró das cores» e muitos os que cantaram as suas belezas.

Mas bastará tudo isto para que Figueiró, seja, de facto, uma «Zona de Turismo»? Não, evidentemente.

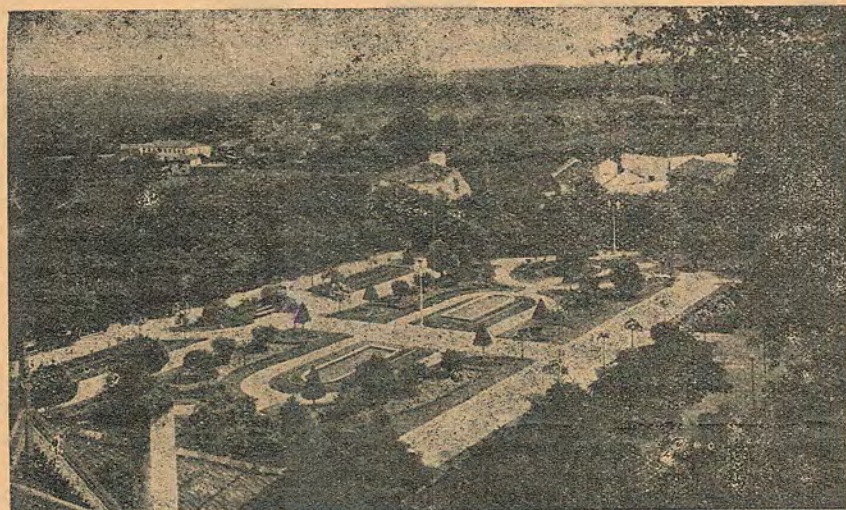
Muito mais há a acrescentar ao muito que já se tem feito e a falta de um hotel é daquelas que só se substitui... com a sua construção.

Uma vila moderna, progressiva, com aspirações, necessita ter onde albergar os seus hóspedes. E muitos são aqueles que, todos os anos, principalmente na estação calma, desejariam ali instalar-se para umas curtas férias de verdadeiro e salutar repouso físico e espiritual.

Sabemos que a Câmara Municipal estuda o assunto com o maior interesse, que já votou mesmo a primeira verba para a sua construção, e que um projecto, entregue às instâncias superiores, aguarda a sua aprovação definitiva.

Não temos necessidade de um hotel de luxo, mas de um hotel limpo, agradável, uma dessas confortáveis «Pousadas», alegres, acolhedoras, onde apetece ficar. Um edifício sóbrio, de linhas simples, que se enquadre bem no ambiente de luz e de cor que o rodeará, eis do que precisa Figueiró.

Oxalá ele seja em breve uma realidade para que Figueiró atinja aquele grau de prosperidade a que



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Jardim - Parque

tem jus e o lugar que lhe compete no domínio do turismo nacional. As entidades que se encontram à frente dos seus destinos, e que tanto têm contribuído para o alto nível que aquela vila já atingiu, são pe-nhor seguro de que esta obra — como todas aquelas em que têm in-

tervindo — se erguerá um dia a atestar aos vindouros uma era de engrandecimento, sem precedentes na história do nosso concelho.

E Figueiró será, então, uma «Zona de Turismo».

MÁRIO ALVES

PERALCÔVO

É uma das mais humildes aldeias da freguesia de Campelo, encravada no sopé de uma serra, com umas dezenas de habitantes, trabalhadores e generosos, auxiliando-se mutuamente no trabalho diário e duro do amanho da leiva. É curioso notar: que quanto mais alto vivem, lá na serra, maior é a sua bondade.

Existiu nesta aldeia, há mais de meio século, uma simpática velhinha, sendo considerada a sua casa uma espécie de santuário; pois era aqui, em noites de trovoadas em que o fuzilar dos relâmpagos parecia querer reduzir a pó aqueles cerros — em que se acha encravada esta aldeia — onde se reuniam todos os seus habitantes, pedindo a protecção divina contra a fúria dos elementos, visto não ser possível a intervenção humana.

Com o rodar dos anos, a sua casa não pôde fugir ao destino: desabou e daquilo que se chamou casa, só ficaram paredes.

No ano de 1944, os srs. Joaquim Manuel dos Santos, José Simões, José Francisco dos Reis e Álvaro Francisco dos Reis, não se poupando a sacrificios, conseguem, com o auxílio financeiro não só dos filhos da terra,

como de outros — e alguns bem distantes — construir a capelinha, que hoje se chama de Nossa Senhora da Boa Viagem. Foi inaugurada em 15 de Setembro do ano último, sendo nesse dia rezada a primeira missa pelo reverendo Manuel Luís. E agora, constituída uma comissão de festas pelas Ex.^{mas} Senhoras Maria dos Santos Reis, Lucinda do Cimo e Lucília dos Santos e pelos Srs. António Freire Oliveira, José Francisco dos Reis, Manuel Martins, José Joaquim e Álvaro Reis, vai esta realizar uma festa em 31 de Agosto do corrente ano, por ocasião da qual será coroada Nossa Senhora.

Tem esta pitoresca aldeia, ainda, algumas aspirações, como sejam: uma estrada de pouco mais de 3 quilómetros que a ligará com a sede da freguesia, e o arranjo da fonte — com uma água das mais finas do concelho — que se encontra em estado lamentável e para o que terá de recorrer, certamente, às entidades competentes, e ainda ao auxílio de seus filhos, que, certamente, lhe não será negado.

Lisboa, Abril de 1947.

Manuel F. Santos Reis

EMBLEMAS

Satisfazendo uma velha aspiração de muitos dos nossos associados, várias vezes manifestada, acabamos de mandar confeccionar o nosso emblema. E, devemos acrescentar, é bonito e elegante.

No primeiro dia das nossas festas, 3 de Maio, será posto à venda na nossa sede, ao preço mínimo de 10\$00.

Os sócios que desejem adquiri-lo podem dirigir-se à secretaria ou pedi-lo ao nosso cobrador.

Frequente a nossa sede. Nela encontrará sempre amigos e ambiente agradável para umas horas de bom convívio.

Alberto Lopes

É, certamente, à sua iniciativa, ao seu entusiasmo, à sua perseverança, que devemos a existência desta Casa.

Foi dos que mais trabalhou para a sua fundação, com uma vontade firme e inabalável de vencer, tendo feito parte de várias direcções e dedicando-lhe sempre muita amizade.

Contava em cada um de nós um amigo e um admirador das suas belas qualidades de carácter.

Prestando à sua memória sentida e justa homenagem de gratidão cumprimos um dever que se nos impunha.

A NOSSA REGIÃO

Ainda que não possamos colocar a Zona de Turismo de Figueiró dos Vinhos num primeiro plano turístico quanto às suas tradições, monumentos históricos, etc., cabe-lhe, porém, a honra de um lugar de destaque entre as mais variadas e abundantes riquezas e belezas naturais, com que a natureza dotou o nosso País.

Os concelhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, como que um oásis no meio do deserto, formam um triângulo turístico incrustado nas faldas da serra da Louzã, que, parecendo esboçar-se, desdobra-se numa ondulação de montículos onde a vegetação é pere-nne.

A região de Figueiró dos Vinhos, a uma altitude de 600 metros, tem a excelência do clima que se casa com a beleza de uma paisagem exuberante. Não será um repositório de arte, dessa arte que nasce da mão do homem, mas é, com certeza, um album de cores e de dons naturais, que dimanam da mão de Deus.

Abundam pelos pequenos oiteiros e encostas os pinhais, olivedos e vinhas. E pelas quebradas em botaréis e em mais ou menos extensas terras de amanho e pelos vales, mais ou menos pronunciados, vicejam as mais variadas espécies hortícolas, de mistura com copadas árvores frutíferas.

É uma paisagem de contrastes.

Pelas encostas, de constituição ora granítica, ora saibrosa, brotam mananciais de água pura e cristalina, que, no seu cantar monótono, nos trazem ao ouvido uma melopeia encantadora, formando regatos e ribeiras, como a de Castanheira de Pera e de Alge, que, depois de prestarem, principalmente, à indústria de lanifícios e de produção eléctrica o seu concurso e irrigarem fertilizantes terras, vão lançar-se no Rio Zêzere, que corre a 7,5 quilómetros de Figueiró dos Vinhos.

Toda a região, sem invernos rigorosos com ventos impertinentes nem calores sufocantes no verão, é dotada de um clima suave, próprio das médias altitudes, com ares puros, isentos de atmosferas saturadas de vapores de água. A vista alonga-se em raios de grandes distâncias, através de um espaço livre de neblinas, num horizonte de pura diafaneidade.

Eis, em síntese, respigado pela rama e em traços mal delineados, sem pretensões de estilo ou rasgos de boa prosa e sem possibilidades de entrar em detalhes, em recortes pitorescos que formam o conjunto e que de inspiração tem servido a poetas e insígnies mestres de pintura, o que se me oferece dizer sobre A Nossa Região.

B. SILVA

Em comemoração do nosso aniversário, a Direcção resolveu isentar do pagamento de joia todos os novos sócios que se fizerem propor durante o corrente mês de Maio.